



O ANO EM QUE VIVEMOS EM LUGAR NENHUM

Rubens Tavares¹

Tomo emprestado o título do livro de Paco Ignacio Taiboll, Froilán Escobar e Félix Guerra, “O Ano Em Que Vivemos em Lugar Nenhum”. Os autores escreveram sobre a participação de Ernesto “Che” Guevara na sua luta no Congo, África, nos anos de 1960. Esse título é muito apropriado para descrever o ano de início da Pandemia da COVID-19², 2020, que nos atingiria drasticamente e continuaria nos atingindo no ano seguinte, com um número absurdo de pessoas mortas³ e outro tanto absurdo de pessoas chamadas de “recuperadas”, mas que ficam com sequelas deixadas pela doença, e que podem levar meses para voltarem a ter seus sentidos de olfato e paladar, têm sequelas no sistema respiratório, nos movimentos, e, em muitos casos, precisando de fisioterapia para reabilitação.

Apesar da situação pandêmica, começamos o ano letivo de 2020 como todo ano letivo: reunião pedagógica e discussão de como encaminharíamos os trabalhos escolares; tratamos sobre as lutas para recuperamos nossos direitos retirados pelo governo anterior e sobre o seu sucessor que começava a demonstrar que continuaria com a política educacional pedagógica de culpabilizar os docentes pelo pseudofracasso desempenho dos alunos e alunas nos exames para verificar o nível de aprendizado; mantinha-se operando o modelo fordista de apenas verificar os resultados sem levar em conta os meios para isto; mais uma vez a Prova Paraná (em que nenhuma questão de História do Paraná foi solicitada) aferiu uma nota aos estudantes, independente da contextualização da situação da educação e do que significaria melhorar ou não o

¹ Rubens Tavares professor de História do Colégio Estadual do Paraná, especialista em História e Geografia do Paraná.

² A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés.

³ O Brasil chegou à triste marca de 500 mil mortos pelo COVID 19 no dia 19 de julho de 2021.



ensino/aprendizagem. Como se diria utilizando um velho jargão, “nada de novo no front”, ou seja, mais um ano de lutas, que se complexificariam pela pandemia da COVID-19.

Em fevereiro de 2020, havia apenas notícias de um início de contaminação na cidade de Wuhan, na China, de uma nova variante do coronavírus, a COVID-19, que se alastrava muito rápido com infecção e sintomas de crise respiratória aguda, mas não se previa que o vírus rapidamente iria atingir praticamente o mundo todo, em especial as áreas densamente povoadas, grandes centros urbanos, inicialmente, e depois se alastrando para o interior.

No início do mês de março, começaram as notícias de milhares de casos de pessoas infectadas e de mortes decorrentes do vírus no mundo inteiro. As primeiras imagens chegavam da Itália e mostravam o colapso no sistema de saúde, em imagens chocantes de vários caixões enfileirados, e famílias que não puderam ter contato com os amores que perderam, pois estes eram rapidamente enterrados em sacos plásticos negros.

No Brasil, noticiou-se o primeiro caso⁴ e, depois de mais casos, avançávamos mais e mais no mês de março; mas, mesmo assim, no Paraná, seguiam as aulas presenciais, sem a Secretária de Educação pensar em alternativas, caso tivéssemos que seguir o isolamento social, que já estava em andamento nos países europeus, como França e Itália. Mesmo o negacionista governo inglês adotaria as medidas de isolamento social e higienização básica, porque já se tinham informações de que a transmissão se dava por via oral, ao tossir, falar, e, fatalmente se inalavam partículas de saliva contaminada.

Lembro-me de que foi a Universidade Federal do Paraná a primeira a suspender as aulas presenciais, em 15 de março, e a começar a tomar as primeiras medidas de isolamento. Mas, no caso do Ensino Básico, continuaram as aulas como se nada estivesse acontecendo, seguindo a dita lógica perversa

⁴ Dia 17 de Março de 2020, O Estado de São Paulo informou que acontecera a primeira morte por coronavírus no Brasil. A reportagem apurou com um interlocutor do Ministério da Saúde que a primeira vítima fora um homem de 62 anos, que morava na capital paulista. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/17/sp-tem-primeira-morte-por-coronavirus-confirmada.htm?cmpid=copiaecola>



e ignorante de assim “não perdermos” aula e “garantimos” os famosos 200 dias letivos. Apenas no dia 20 de março as aulas foram suspensas. Eu trabalhei até 18 de março, até o intervalo da manhã, 9h40, no Colégio Tiradentes, quando chegou um comunicado da SEED de que os que pertenciam ao grupo de risco (idosos – meu caso - gestantes, pessoas com comorbidades) estariam dispensados.

Como não havia um plano por parte da Secretária de Educação e muito menos do seu secretário, aliás nunca tivemos mesmo antes da pandemia (as ditas propostas para a educação no Paraná foram apenas midiáticas, sem vínculo praticamente nenhum com processos de ensino aprendizagem), não foi diferente na pandemia.

Inicialmente todas as licenças especiais foram concedidas, independente de quem quisesse ou não (marca desse governo de ordens); depois de mais de um mês, alguém deve ter alertado à Secretaria de que para cada professor em licença se deveria contratar outro, e eis que voltam todos os que estavam em licença especial (novamente em 2021 vai ocorrer isso, só que se dispensam todos os professores e professoras do grupo de risco); quase dois meses depois, mais uma vez alguém de novo avisa que para cada professora e professor dispensado se precisa contratar outro, e eis que se instituem as aulas remotas (volto dia 4 de abril de 2021, dessa forma). Essa situação me fez lembrar uma passagem do livro “18 Dia do Brumário” de Luís Bonaparte, escrito por Marx: se referindo a uma passagem de uma obra de Hegel, comentava “que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer duas vezes” e Marx acrescenta: “a primeira vez como tragédia a segunda como farsa” (MARX, 2011, p.25.).

O ano de 2020 é, assim, marcado por delírios, tal como o de que se poderiam substituir as aulas presenciais por remotas, como se elas fossem a salvação da aprendizagem e, o que é pior, ao longo do ano letivo, na medida em que aumentavam os casos de Covid 19 e a piora das condições sociais (trabalho, aumentavam os preços de produtos de necessidade básica, a demora no auxílio



emergencial, e os acessos aos *classroom*⁵ diminuía na mesma proporção. E, ao invés de se pensarem novas estratégias para manter o mínimo possível de acesso aos conteúdos, mais uma vez a Secretária de Educação transferiu aos estudantes e aos docentes o baixo acesso e, o que é pior, atribuindo, mais uma vez aos professores e professoras, o fracasso escolar, como se antes da pandemia tudo estivesse bem, as escolas estivessem adequadas ao ensino/aprendizagem, possuíssem laboratórios atualizados de informática, bibliotecas atualizadas, condições sanitária minimamente satisfatórias no caso de uma pandemia ou outro de caso de surto virótico oferecendo segurança individual e coletiva. Apenas a pandemia veio desnudar a cruel e dura realidade da escola pública e do ensino no geral, mazelas de décadas e mais décadas de descaso, estruturas de ensino precárias, escolas fechadas, currículos que não se modernizaram, bibliotecas que não tiveram o seu acervo atualizado o que dirá aumentado, condições precárias sanitárias, muitas e muitas escolas precisando de reformas básicas para se manter em pé, muitas, em épocas de chuva constante mais chove dentro do que fora da sala de aula. No mundo rural, a situação se agrava ainda mais, com transporte escolar precário, estradas enlameadas, falta tudo menos o delírio de Núcleos e Secretária de Educação fazendo de conta que o velho novo velho normal continua o mesmo.

Seguimos terminando o ano com Conselho de Classe, como se nada estive acontecendo e, o que é pior, com professores e professoras discutindo o porquê desse aluno ou daquela aluna não conseguirem entregar todos os trabalhos, porque esse aluno ou aquela aluna não acessaram todos os *classroom*! Seguiu o faz de conta de que estávamos em uma bolha atemporal em relação à realidade concreta que nos esmurrava a “cara”, pois a pandemia somente escancarou a desigualdades de classes e os antagonismos sociais brasileiros.

⁵ Salas de aula virtual criado pelo Google. Possibilita a criação de perguntas que podem ser respondidas por múltipla escolha ou respostas curtas.



O início do ano letivo de 2021 trouxe não somente o agravamento da pandemia, mas mais delírios educacionais da Secretaria de Educação. Agora, além das postagens no *classroom*, todas as aulas deveriam ser em *meets*⁶, e o pior estava por vir, elas deveriam ter no mínimo 40 minutos de câmera aberta do equipamento do docente, não interessando que equipamento ou local este estivesse para ministrar as aulas remotas, contando o tempo do início ao final e obrigando muitos a instalarem relógios em seus *meets* para contagem de tempo das aulas/fordistas, pressionando para que pressionassem alunos/alunas a manterem também suas câmeras abertas. Evidentemente que isso foi um fracasso, pois uma aula presencial não se substituiu por parafernálias digitais, virtuais, remotas, sendo estes instrumentos de auxílio ao ensino aprendizagem e não o ensino aprendizagem.

Os delírios previam também as aulas híbridas, em que uma parte de alunos/alunas assistiria aulas presenciais, na escola, na sala de aula de forma presencial, e outra parte em casa virtualmente, através de câmera instalada em sala real. Só houve um pequeno detalhe que o delírio não previu, ou melhor, como se diz no futebol, “esqueceram-se de combinar com o adversário”, pois as escolas continuavam precarizadas, muitas e muitas sem acesso a cabeamento de internet rápida, o que dirá de fibra ótica, os banheiros continuavam precários e insuficientes, era o mesmo número de funcionários (que aliás diminuiu com a brilhante ideia de acabar com os chamados “agente um”), eram do mesmo tamanho as salas de aula, sem contar com o acréscimo de mais de 15 mil alunas/alunos vindos das escolas privadas, pois, devido à pandemia e à falta de um projeto de auxílio do governo federal, ficaram desempregados milhões de trabalhadores e trabalhadoras, diminuindo a renda *per capita*.

Os delírios não previram também que *meets* excessivos provocam um desgaste para todos, pois se fala para uma tela e não se sabe se tem alguém assistindo, ou apenas observando, ou se há apenas uma câmera ligada, não há perguntas, apenas o silêncio da profundidade da tela imóvel de onde, de vez em

⁶ Usado para fazer vídeo chamadas, bem como aulas remotas Online.



quando, alguém faz uma pergunta ou um comentário. Enquanto isso, a pandemia ceifava mais e mais colegas e estudantes, morriam e morrem todos os dias sem que possamos dar o luto que merecem e precisamos.

Mas, o que mais impressiona nisso tudo talvez seja a desumanização que tomou parte da nossa própria categoria, que segue apenas fazendo os *meets* sem análise, sem crítica, operando como se eles fossem aulas presenciais, enviando trabalhos e mais trabalhos aos estudantes, e, é de se pasmar, enviam-se trabalhos impressos tendo os estudantes que irem buscar nas escolas e os professores irem pegá-los para a correção, promovendo o trânsito desnecessário das pessoas na pandemia. Abrem-se os *meets* como se nada estivesse acontecendo, e ainda há relatos de professores/professoras que bloqueiam alunos/alunas por chegarem “atrasados” nos *meets*.

De outro lado, o que fizeram e o que continuam fazendo os setores pedagógicos das escolas se não praticamente aceitarem os encaminhamentos dados pela Secretária de Educação, sem, contudo, fazerem uma análise pedagógica educacional sobre se teria sentido um ensino aprendizagem dessa maneira, e qual realmente a contribuição para a formação educacional, cultural e política do aluno? Poderiam ter produzido documentos de análise pedagógica para denunciar estas e outras atrocidades, mas se calam, emudecem, assim como as direções de escolas que, simplesmente, encaminham as ordens da mantenedora. Em que mundo será que vivem, ou melhor, em que mundo talvez esteja vivendo? Estarão em uma realidade paralela, em um universo paralelo? Aceitaram simplesmente o fato de que diariamente são infectadas milhares de pessoas e outras morrem sem vacina, sem ar para respirar por falta de leitos hospitalares? Não teria sido melhor suspender o ano letivo e constatar que estes paliativos eram simplesmente para criar a ilusão de que tudo estava sendo conduzido para garantir apenas a aprovação para índices de estatísticas?

E se, no lugar de delírios, a Secretaria seguiu a iniciativa de um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Nuppec) e da Universidade Estadual de São Paulo – USP (Psopol-Latesfip) da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (Departamento de Psicologia) e



da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, que reúne um grupo de pesquisadores que estão a levantar, por meio de material de análise, os “Sonhos Confinados em Tempos de Pandemia”⁷? Talvez pudéssemos seguir a proposta e analisar os Sonhos Aprisionados de Professoras e Professores em Tempos de Pandemia, para, assim, nos reencontramos e percebemos que nada substituí a docência presencial, o saber e o ensino aprendizagem “olho no olho” que só podemos vivenciar em nossas salas de aula.

Referências

PACO, Ignácio; TAIBOLL. **O ano em que vivemos em lugar nenhum**. São Paulo: Scritta, 1995.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011 (Coleção Marx/Engels) **Revista Cult**, fevereiro de 2021-edição 266.